

XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã / Mídia Cidadã

Tema central:

**Comunicação Cidadã: gênero, raça, diversidade e redes
colaborativas no contexto da pandemia**

22 a 24 de junho de 2021, online

Iniciativa e Realização

Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular,
Comunitária e Cidadã - **ABPCom**
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – **UNESP**
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – **FAAC**
Departamento de Comunicação Social – **DCSO**

Visita guiada com audiodescrição: a experiência de pessoas com deficiência visual em uma emissora de rádio¹

Raissa Herena de Toledo

Graduanda em Jornalismo pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design
(FAAC) da Unesp Bauru e bolsista de Iniciação à Extensão Universitária do projeto
“Biblioteca Falada”

Guilherme Ferreira de Oliveira

Graduando em Relações Públicas pela Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e
Design (FAAC) da Unesp Bauru, bolsista BAAE III do projeto “Biblioteca Falada”

Suely Maciel

Docente do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) e dos cursos de
graduação em Jornalismo e Relações Públicas da Faculdade de Arquitetura, Artes,
Comunicação e Design (FAAC) da Unesp Bauru, Coordenadora Geral do projeto de extensão
“Biblioteca Falada” e Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Mídia Acessível
(GELIMA)

1. INTRODUÇÃO

A inclusão social de pessoas com deficiência é tema de diversas discussões nos últimos anos. Sasaki (2009, p. 10) define a inclusão como “o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia,

¹ Trabalho apresentado no **GT1 (Meios e Processos de Comunicação para a Cidadania)** da XV Conferência Brasileira de Comunicação Cidadã 2020-2021, de 22 a 24 de junho de 2021, na modalidade online – realizada ABPCOM – Associação Brasileira de Pesquisadores e Comunicadores em Comunicação Popular, Comunitária e Cidadã e UNESP – Universidade Estadual Paulista / FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Departamento de Comunicação social.

raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações.” No Brasil, a temática já era objeto de diversas leis e normativas, bem como de pesquisas acadêmicas, mas ganhou mais envergadura depois da promulgação da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da Organização das Nações Unidas, em 2009 (BRASIL, 2009).

Assim, instituições governamentais e não-governamentais, movimentos de pessoas com deficiência e universidades passaram a pensar em novas formas de inclusão social, como o desenvolvimento de Tecnologias Assistivas. Segundo a Lei Brasileira de Inclusão (LBI), de 2015, Tecnologias Assistivas (TA) são

produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social (BRASIL, 2015).

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde, (PNS), realizada em 2013 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), indicam que 6,2% da população brasileira declara ter algum tipo de deficiência (IBGE, 2015). Desse contingente, cerca de 7 milhões têm deficiência visual (baixa visão e cegueira). Para este público, existe um leque variado de tecnologias assistivas, como linha e impressora braille, leitores de tela, scanners, lupas etc. (LORENTE BARAJAS, 2006). Na comunicação, podem ser utilizados o braille, a audiodescrição e as mídias sonoras como recursos de acessibilidade para pessoas com deficiência visual (MACIEL; SILVA, 2017).

No caso da audiodescrição, trata-se de um tipo de tradução intersemiótica do signo visual para o verbal. Motta e Romeu Filho (2010) explicam que ela amplia o entendimento não apenas de pessoas com deficiência visual, mas também de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos. Os autores a definem como

[...] um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos [...]. É uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que transforma o visual em verbal, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar (MOTTA; ROMEU FILHO, 2010, p. 7).

A produção de audiodescrição é realizada por pessoas de diversas áreas, como tradução, linguística, comunicação e outras. Apesar disso, ela exige um conhecimento

específico, bastante especializado, pois tem seus métodos e técnicas particulares. Dessa forma, é o resultado de um trabalho conjunto de roteiristas e narradores audiodescritores e de consultores em audiodescrição.

Uma iniciativa que busca esta especialização é a do projeto de extensão Biblioteca Falada (BF) da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), de Bauru/SP. O projeto atua na promoção da acessibilidade, da inclusão e da cidadania das pessoas com deficiência em parceria com o Lar Escola Santa Luzia para Cegos (LESL), de Bauru e outras instituições, a partir da produção de mídia sonora acessível e audiodescrição e da difusão do conhecimento em acessibilidade comunicacional.

Em média, são realizadas 70 produções anualmente, de diferentes formatos, como adaptações de textos literários, técnico-científicos e jornalísticos para o áudio e audiodescrição de imagens, ambientes, paisagens e produções audiovisuais. Toda essa produção parte de demandas de alunos do LESL e outras instituições e a eles se destinam, bem como à população em geral que tenha interesse pelos arquivos. O projeto é desenvolvido por docentes da Unesp e estudantes de graduação e pós-graduação dos cursos de Arquitetura, Artes Visuais, Ciências Biológicas, Ciências da Computação, Engenharia Civil, Engenharia de Produção, Jornalismo, Psicologia e Relações Públicas.

Tendo em vista que o rádio é um meio bastante consumido por pessoas com deficiência visual e um espaço importante na busca desse grupo por informação, cultura, educação e entretenimento (GODOY, 2003), não surpreende o interesse dos alunos do LESL em conhecer emissoras de rádio, sua estrutura, funcionamento e equipamentos. Esse desejo foi manifestado diversas vezes para os membros do BF, em especial para conhecer a Rádio Unesp FM, localizada no câmpus da Unesp, em Bauru. Assim, de forma a atender essa demanda, o BF organizou uma visita guiada à rádio, no dia 11 de outubro de 2019. Para tal, os integrantes do projeto desenvolveram toda uma dinâmica de preparação da visita, bem como uma sistemática própria que permitisse a audiodescrição da visita, em tempo real.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

Para a realização da atividade, foi necessário um planejamento integrado entre as atividades de gestão de eventos e a elaboração de roteiros de audiodescrição. O primeiro passo consistiu do contato com os alunos do LESL para levantamento dos pontos de interesse

deles durante visita e definição da melhor data para que pudessem participar. Paralelamente a esse planejamento, foi feita também a divulgação da iniciativa entre veículos de comunicação.

A segunda etapa foi a construção dos roteiros que iriam nortear a posterior audiodescrição simultânea, a ser realizada durante a visita. Por ser a audiodescrição um processo complexo de tradução intersemiótica (visual para o verbal), partiu-se de levantamento prévio de informações, por meio de visitas técnicas à Rádio Unesp FM, para que os integrantes da equipe de audiodescrição pudessem tirar fotografias e fazer registros sobre características dos espaços, bem como estabelecer um percurso para a visita.

Nas visitas técnicas, registraram-se imagens da área externa do local, fachada do prédio, hall de entrada, jardim de inverno, salas que seriam visitadas e estúdios. As fotos foram tiradas com base em três ângulos (frontal, diagonal esquerda e diagonal direita) para que fosse possível construir uma ‘imagem’ de todo o espaço durante a elaboração do roteiro-base de audiodescrição.

Também foram feitas anotações das características dos espaços, como presença de móveis e formato dos ambientes (se uma determinada sala era retangular ou em “L”, por exemplo), medidas aproximadas dos locais (para que o receptor da audiodescrição pudesse identificar se o espaço era grande ou pequeno), o lado de abertura das portas e quantidade de objetos presentes em um móvel, entre outras informações. Um exemplo desse tipo de anotação é a feita sobre a discoteca da Rádio Unesp FM. Além de uma mesa, o ambiente possui muitas prateleiras e muitos discos. Por isso, tomou-se nota da quantidade de prateleiras, sua disposição (se estavam localizadas no meio da sala ou embutidas na parede), número de nichos em cada prateleira etc.

Com base nas informações prévias das visitas, foram elaborados os roteiros que iriam nortear a audiodescrição simultânea. Eles foram escritos de acordo com normas e parâmetros estabelecidos em diversas publicações (ABNT NBR-16452, 2016; ALVES; TELES, 2017; MOTTA; ROMEU FILHO, 2010; NAVES *et al.*, 2016). Definiu-se também que os roteiros de audiodescrição seriam utilizados como base, como recomendado na construção de AD ao vivo, mas, no momento da visita, adaptações poderiam e deveriam ser feitas durante a audiodescrição.

3. RELATO DA EXPERIÊNCIA

A visita guiada foi realizada no dia 11 de outubro de 2019 e durou cerca de uma hora e meia. Participaram da experiência sete alunos e uma monitora do LESL, além de sete

integrantes do BF e um representante da Unesp FM, que acompanhou o grupo durante a visita. A apresentação a seguir foi dividida em dois momentos: primeiro, têm-se as etapas realizadas antes do dia do evento, como a construção dos roteiros de audiodescrição. Em seguida, apresenta-se o relato de como ocorreu a visita guiada no dia do evento.

3.1 CONSTRUÇÃO DOS ROTEIROS DE AUDIODESCRIÇÃO

As indicações de Alves e Teles (2017) foram tomadas como parâmetro principal na elaboração dos pré-roteiros de AD para a visita guiada. Segundo os autores, inicialmente deve-se apresentar o audiodescritor. Em seguida, é necessária a apresentação do local, possibilitando a construção de um panorama do ambiente: capacidade, pé-direito, revestimento de paredes, piso e teto, portas de entrada e saída etc.

Outra preocupação importante durante a roteirização foi o estabelecimento de critérios para que os alunos do LESL compreendessem os espaços da melhor forma. Foi traçado um percurso de visita, de maneira a permitir que as descrições ficassem mais organizadas dentro do roteiro e os riscos de confusão por parte dos narradores audiodescritores, no dia do evento, fossem minimizados. Um outro critério estabelecido foi o uso da indicação do posicionamento do público durante a visita. Esse referencial facilitou a indicação da posição correta de objetos e móveis no roteiro.

Em seguida, estabeleceram-se os critérios para a descrição dos espaços. Destes, o primeiro foi que, mesmo com a distância medida em passos e o comprimento e a largura dos objetos medidos em palmos durante as visitas técnicas, as medidas seriam informadas no roteiro em metros e centímetros, de forma aproximada.

A fim de facilitar a compreensão, definiu-se que as descrições dos espaços visitados seriam mais gerais e informariam apenas o formato, o tamanho e a utilidade do ambiente, além da cor das paredes do espaço, características do piso e os principais móveis nele presentes. Somente para os espaços considerados mais importantes foram elaboradas descrições mais detalhadas. Como exemplo de descrição menos específica tem-se a sala Memorial, em que o mais interessante para os visitantes eram os antigos aparelhos radiofônicos que estavam guardados no local. As salas de escritório, o *hall*, o estacionamento e a fachada da rádio também foram descritos de forma mais geral.

Já as descrições dos estúdios, do jardim de inverno e dos corredores foram mais detalhadas. A visita foi realizada justamente porque os alunos do LESL eram

majoritariamente fãs da rádio. Assim, era primordial que eles conhecessem profundamente os espaços em que os locutores faziam as narrações, ou seja, o local onde a programação da emissora ganhava vida. Era essencial que o público conhecesse, além e depois da apresentação das características gerais, o material da mesa do estúdio, o tamanho do móvel, quantos microfones havia em cima da mesa, a posição dela dentro do estúdio etc.

Os detalhes sobre os corredores também eram importantes para que os visitantes pudessem se localizar e entender como os espaços dentro do prédio da Rádio estavam dispostos. No jardim de inverno, a riqueza de detalhes também era importante, a fim de que os alunos do LESL pudessem definir por conta própria se achavam a área bonita ou não. No entanto, é importante salientar que se um aluno do LESL quisesse mais informações sobre o ambiente em que estava ou se interessasse por um objeto específico no momento do percurso, a audiodescrição seria feita na hora, estando ou não prevista no roteiro norteador.

3.2 A AUDIODESCRIÇÃO SIMULTÂNEA

No dia do evento, a primeira audiodescrição foi a feita pelos membros do BF sobre si mesmos, apresentando-se aos alunos do LESL conforme parâmetros específicos: “na descrição dos atributos físicos de uma pessoa recomenda-se a seguinte sequência: gênero, faixa etária, etnia, estatura, compleição física, cabelos, vestuário e demais características marcantes (ALVES; TELES, 2017, p. 433). Em seguida, o estacionamento da Rádio (local por onde os alunos do LESL chegaram) e a entrada do prédio também foram descritos. Logo na entrada, o representante da emissora aguardava os alunos para a visita. Ele também se descreveu.

A visita seguiu o percurso traçado: sala do memorial, discoteca, estúdio 1, estúdio 2 e sala de jornalismo. Em cada um dos espaços, repetiu-se a mesma sistemática: os visitantes eram posicionados no espaço, o representante da rádio informava a função dele e, na sequência, fazia-se a audiodescrição.

A fim de tornar o deslocamento pelos espaços mais organizado e compreensível para os visitantes do LESL, cada um deles foi guiado por um membro do BF. Essa individualização facilitou o atendimento aos pedidos de informação não previstos na audiodescrição. É válido salientar que as apresentações dos membros do BF no início da visita foram importantes para que cada aluno do LESL, pudessem identificar e diferenciar quem fazia a audiodescrição geral e quem o estava guiando particularmente.

Ao fim do percurso, todos os envolvidos na experiência puderam dar suas impressões, durante um breve *coffee break* realizado na rádio. Os visitantes também puderam conhecer um radialista do qual eram fãs e que só havia chegado à emissora quando o percurso já havia se encerrado. Além de escutar o profissional ao vivo, os visitantes também puderam conhecê-lo fisicamente, por meio da audiodescrição simultânea de seus atributos físicos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A atividade realizada demonstra que a inclusão de pessoas com deficiência plenamente na sociedade ainda é um desafio. No entanto, o uso de tecnologias assistivas em iniciativas como a do projeto Biblioteca Falada possibilitam que essas pessoas acessem e interajam, a partir da comunicação acessível, com locais e trocas de informações.

Embora desafiadora e com uma abordagem teórica e metodológica em desenvolvimento (ALVES; TELES, 2017; NAVES *et al.*, 2016), a elaboração de pré-roteiros para a Audiodescrição ao vivo e/ou simultânea possibilita uma experiência de visita guiada mais proveitosa e rica em detalhes, quando necessário. A atividade realizada também possibilitou reflexões acerca da relação de proximidade entre o público com deficiência visual e o rádio, como pôde ser percebido e relatado pelos alunos do LESL quando do momento de conversa, durante o *coffee break*.

A experiência evidenciou o interesse dos alunos do LESL em conhecer outros espaços de Bauru, como prédios públicos, praças e shoppings, do mesmo modo que conheceram a Unesp FM. Com isso, a experiência da visita guiada foi a motivação para que o BF iniciasse um projeto de acessibilização de informações sobre pontos de interesse em Bauru. Desde então, vem sendo desenvolvido o “Siga - Guia Acessível da Cidade”, um aplicativo que utiliza um sistema de geolocalização, somado a arquivos de áudio com informações gerais e audiodescrição de espaços públicos e privados bauruenses, como praças, igrejas, parques, prédios governamentais, comércios etc. O intuito é proporcionar à pessoa com deficiência visual o conhecimento sobre aspectos arquitetônicos, estruturais e de estilo das edificações e áreas, bem como relacionar cada ponto à sua localização na cidade. A experiência da visita guiada com audiodescrição simultânea, portanto, inspirou a ampliação do escopo de iniciativas de acessibilidade e inclusão do projeto.

Palavras-chave: Acessibilidade; Audiodescrição; Deficiência Visual; Visita Guiada; Extensão Universitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, S. F.; TELES, V. C. Audiodescrição Simultânea: propostas metodológicas e práticas. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 56, n. 2, p. 417-441, ago. 2017. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132017000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 abr. 2021.

BRASIL. Decreto no 6.949, de 25 de agosto de 2009. **Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo**. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 25 de agosto de 2009.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. **Institui a Lei Brasileira de Inclusão da pessoa com deficiência** (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 7 de julho de 2015.

GODOY, E. R. Rádio, um companheiro do cego. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA DA COMUNICAÇÃO, 26, 2003. Belo Horizonte. **Anais [...]**. São Paulo: Intercom, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/59259098082741619808967963251888726262.pdf>>. Acesso em 21 jan. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa nacional de saúde 2013 - ciclos de vida: Brasil e grandes regiões**. Rio de Janeiro: IBGE, 2015. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94522.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

LORENTE BARAJAS, J. L. Recursos tecnológicos y acceso a la información para usuarios con discapacidad visual. **Revista General de Información y Documentación**, v. 16, n. 1, 2006, p. 105-127.

MACIEL, S.; SILVA, A. F. Mídia Sonora como Recurso de Acessibilidade para pessoas com deficiência visual. In: LEITE, L. P.; MARTINS, S. E. S. O.; VILLELA, L. M. (Orgs.). **Recursos de acessibilidade aplicados ao ensino superior**, 2. ed. Bauru: Cultura Acadêmica, Edição Ampliada e Revisada, 2017, p. 59-72.

MOTTA, L. M. V. M.; ROMEU FILHO, P. (Org.). **Audiodescrição: transformando imagens em palavras**. São Paulo: Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência do Estado de São Paulo, 2010.

NAVES, S. B. *et al.* **Guia para produções audiovisuais acessíveis**. Brasília: Secretaria do Audiovisual/ Ministério da Cultura, 2016.

SASSAKI, R. K. Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação. **Revista Nacional de Reabilitação**, São Paulo, Ano XII, mar./abr., p. 10-16, 2009.